

A fabulosa história do hospital: da Idade Média aos dias de hoje

The fabulous history of the hospital: from the Middle Ages to the present day

La fabulosa historia del hospital: desde la Edad Media hasta nuestros días

Jacqueline Sardela Covos - Universidade de Sorocaba | Mestranda em Educação do PPGE- Uniso | Sorocaba| SP| Brasil. E-mail: jacqueline.sardela@gmail.com | 

FABIANI, Jean Noel. **A fabulosa história do hospital: da Idade Média aos dias de hoje**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

A obra *A fabulosa história do hospital: da idade média aos dias de hoje* descreve a evolução dos hospitais, das universidades de medicina e dos profissionais médicos. Relata a trajetória de um jovem estudante de medicina no seu primeiro ano, em um hospital na França, e como as enfermeiras-chefes cuidavam e supervisionavam a limpeza do hospital, o cheiro de éter usado na época para desinfetar os corredores e quartos, os tratamentos, guerras, descoberta de medicamentos, fracassos e personagens de grande importância nesse processo. No início, a instituição hospitalar não passava de um depósito de peregrinos, doentes e mendigos; os nobres e ricos permaneciam em suas residências para receberem os atendimentos médicos.

Os médicos eram intelectuais com conhecimento em latim e filosofia, e pouco sabiam da prática, deixando para os barbeiros os procedimentos invasivos. De lá para cá, ao longo de quase 1400 mil anos, o autor relata as evoluções da medicina em uma monumental saga, recheada de histórias envolvendo guerras, pestes e descobertas, como a da penicilina, na busca da cura das doenças e na evolução da medicina.

O livro é composto por 28 capítulos, além de um prefácio esclarecedor e de um glossário que conceitua algumas terminologias da saúde. O autor, Jean Noel Fabiani, é um médico

• Recebido em 01 de setembro de 2020 • Aprovado em 24 de setembro de 2020 • e-ISSN: 2177-5796

Copyright © 2019. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial (<https://br.creativecommons.org/licencas/>) – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

cirurgião cardiovascular em um hospital de Paris e também professor em uma universidade, no curso de medicina, e tem inúmeras obras em sua autoria. Acredito que esta obra retrata perfeitamente a história dos hospitais, escrita de uma forma romancada, o que torna o livro agradável.

O capítulo primeiro, *A cruz e o estandarte*, é um relato sobre o rei Filipe II da França, que, em 1889, tomará parte nas Cruzadas, mas que antes de partir para a guerra tentou deixar a cidade em ordem, para melhor acolher e proteger o seu povo, construindo um muro de cinco quilômetros de comprimento e três metros de altura, e para seus súditos e soberanos, ampliou o antigo *Domus Dei*, situado em Notre Dame, que servia para abrigar os andarilhos que incomodavam os nobres da linda cidade.

No capítulo segundo, *Se nem tudo sucumbia, certo é que tudo adoecia*, o autor descreve a construção do hospital Saint-Louis por Henrique IV, que ocorreu entre 1607 a 1612, nos arredores de Paris, este com o intuito de internar os “pestilentos” rejeitados. A peste negra foi terrível e pouco se podia fazer como tratamento, achava-se que era algo vindo de Deus para punir os homens e seus pecados. A peste negra “bubônica” se caracterizava por gânglios inchados, transmitida pela pulga dos ratos negros que acompanhavam as tropas mongóis.

O capítulo terceiro, *Merecida vingança*, conta os primeiros relatos das doenças, como sífilis e varíola, por exemplo, e forma como ocorreu a disseminação da sífilis pela Europa, através das prostitutas e dos soldados; na época, a medicina era completamente ineficaz para tratar a doença, que se espalhou de forma descontrolada. Nesse período pouco se sabia sobre a sífilis e a varíola, então eram chamadas, na França, de a pequena varíola a rubéola e a grande varíola a sífilis.

O capítulo quarto, *Cautérios e pernas de pau*, retrata a história de que antigamente as cirurgias eram feitas pelos barbeiros, que não eram doutores em medicina, porém apresentavam habilidades com instrumentos cortantes, usados tanto para cortar a barba quanto para cortar ferimentos. Na Idade Média, como a igreja abominava o sangue, esse trabalho ficava para os barbeiros, e os médicos aprendiam latim e filosofia, discutindo em latim antigos ensinamentos, deixando aos barbeiros incultos a tarefa de cortar pessoas a seco; quando a guerra começou era de grande importância a presença dos barbeiros para tratar das feridas dos soldados.

O capítulo cinco, *Hospital essa prisão*, conta a história de como os hospitais evoluíram muito ao longo dos séculos. A partir do século XVII na França, Henrique IV decidiu construir o

hospital Saint-Louis extramuros, reunindo os pacientes contagiosos e isolando-os da sociedade, estes internos pacientes tomavam ar fresco no campo, mas é claro que não resolvia o problema, pois era fornecido somente aos que apresentavam condições de custear o tratamento. Os pobres se reuniam aos bandos ao redor de Paris, roubando e matando quem passeava a noite pela cidade; surge então, a partir desta situação, a frase “o dinheiro ou a vida”, trancafiando esses indivíduos que causavam problemas como quem parecesse doente, andarilhos e órfãos nos hospícios, separando o joio do trigo.

No capítulo seis, *Caos e renascimento*, o autor descreve a história de como a França pode se orgulhar de ter a primeira faculdade de medicina do mundo, a Montpellier, criada no século XII. A instituição, assim como as diversas faculdades de medicina que vieram depois, sabiam muito bem como formar médicos eruditos, mas a presença deles nos hospitais era algo excepcional, pois foram doutrinados que o conhecimento em grego e latim era mais importante do que anatomia e a experiência de tratar as doenças e os doentes. Para acabar com essa doutrina e fazer uma reforma nos hospitais e nos estudos da medicina, foram necessárias duas personalidades, Napoleão Bonaparte e o general De Galle, que se dedicaram à causa.

Já o capítulo sete relata sobre *Uma vacina para os soldados da velha guarda*. Em agosto de 1805, Napoleão decidiu invadir a Inglaterra com mais de 500 mil homens, enquanto isso, um boato começou a circular entre os soldados sobre uma ameaça que não podia ser trucidada com golpes de baionetas. Do outro lado do canal da Mancha, havia uma epidemia medonha de varíola que semeava o terror na área rural inglesa, ameaçando a saúde dos soldados. Napoleão então convenceu o imperador dos benefícios daquele método pioneiro que acabara de ser inventado e começava a ser chamado de “vacinação”, aplicando a vacina nos soldados; era retirada secreção das pústulas e injetada no indivíduo para criar imunidade contra a doença.

O capítulo oito, *Logo Orfila Escapuliu*, relata a história de que, no começo do século XIX, a universidade Francesa se recuperava com dificuldade das torturas revolucionárias, e algumas personalidades excepcionais foram necessárias para reestruturar os estudos de medicina e dar a eles um caráter prático e científico, e Orfila foi uma delas, uma carreira exemplar nas pesquisas em urgências no âmbito das intoxicações por arsênico e os afogamentos no rio Sena, frequentes na época. No entanto, seus métodos para identificação de envenenamento por arsênico foram contestados por Raspail, químico adversário, fazendo Orfila sair de Paris.

No capítulo nove, e *Laennec inventou o estetoscópio*, é retratado o surgimento do estetoscópio. Em frente do número 149 da rua Sévres, perto da entrada do Hospital Necker, em Paris, pode-se ver uma placa de mármore com os dizeres “Neste hospital, Laennec descobriu auscultação”. Neste capítulo, o autor retrata a história da descoberta do estetoscópio, instrumento usado principalmente para auscultar o coração e o pulmão dos pacientes. Antes da descoberta do estetoscópio, os médicos tentavam auscultar os ruídos dos pulmões e os batimentos do coração para identificar alterações, colocando o ouvido no tórax do paciente; o aparelho inventado era mais parecido com um cone, porém, na época, um imenso avanço para identificar patologias relacionadas ao pulmão e ao coração.

O capítulo dez, *Doutor, preparamos a mesa de bilhar para o senhor...*, reconta a história dos hospitais Franceses que, durante o século XIX e a primeira metade do século XX, recebiam essencialmente, pobres ou desabrigados. Não havia muita diferença entre um hospital e uma instituição de caridade, os procedimentos médicos eram rudimentares, havia uma porcentagem alta de contaminação dos pacientes por falta de higiene apropriada durante os procedimentos e cuidados no geral, como a falta da lavagem das mãos.

O capítulo onze, *Vida de cão*, descreve sobre a pesquisa de Claude Bernard em 1850, dizendo que consumiu muitos deles através da “vivição” em suas experiências para tratar o diabetes, doença na época sem tratamento para os pacientes portadores da patologia. Pouco se sabia sobre a doença e a influência dos alimentos sem e/ou com açúcar no sangue e nos órgãos, daí a importância de testar a absorção dos alimentos em cachorros, para adquirir conhecimento na busca do tratamento para doença que era fatal na época.

Em *Sem agonia darás à luz filhos*, o capítulo doze, o autor relata que, se existe uma descoberta médica que fez as coisas progredirem para os cirurgiões, e especialmente para pacientes, é a anestesia. Em 1847 o éter era moda, porém perigoso, pois a iluminação era feita por velas; e bem mais forte e menos perigoso que o éter, o clorofórmio começou a ser usado. Como a rainha Vitória solicitou que o clorofórmio fosse utilizado para realizar seu parto, que foi um sucesso e elogiado pela mesma, a notícia percorreu o mundo, tendo uma importância considerável para revogar a sentença bíblica que proibia o parto sem dor, por conta do versículo que dizia “ Em meio à agonia darás à luz filhos”.

O capítulo treze, *Mas onde é que foi parar o interno de plantão*, tem a narrativa do autor sobre que lugar pode ser mais secreto do que a sala de repouso de um hospital francês, um lugar

onde imagina-se ocorrer ritos iniciáticos e orgias, lugar de todas as depravações dos estudantes de medicina. Dentro do conforto médico, as paredes eram decoradas por pinturas que normalmente representavam cenas de orgia, mais ou menos explícitas em seus detalhes, realizadas quase sempre por um artista, em geral estudante de belas-artes, e trocadas a cada semestre, com o objetivo de manter o ambiente diferente do restante do hospital e aconchegante durante o descanso.

No capítulo quatorze, *Microcosmos, 30 de abril de 1878*, aborda sobre o dia que Pasteur devia tomar a palavra diante de um verdadeiro areópago de médicos. Pasteur afrontava um público conservador, pouco inclinado a sair dos esquemas de sempre, de uma prática acumulada ao longo de uma vida. Pasteur afirmava que a temperatura aumentada em animais, na sua totalidade, significava alterações fisiológicas, algo errado na homeostase, ou seja, no equilíbrio em manter as células saudáveis, sinal de alerta usado até os dias de hoje na triagem de pacientes em prontos socorros do mundo.

O capítulo quinze conta a história *Se duchesne não tivesse adoecido*. Ernest Duchesne, médico militar do século XIX, morto em 1912, aos 37 anos, pesquisou sobre a penicilina cinquenta anos antes de Fleming. O jovem médico se casara com Rosa, ela era tuberculosa e permaneceu na Suíça em um sanatório para tuberculosos, onde morreu depois de dois anos, deixando Ernest desolado e também tuberculoso, o que o fez abandonar sua carreira e morrer depois de alguns anos, deixando sua pesquisa para trás.

Capítulo dezesseis, *Os esquecidos da medicina humanitária...*, retrata sobre alguns profissionais que não obtiveram reconhecimento como deveriam, entre estes esquecidos estão os médicos militares das tropas coloniais, representantes da medicina francesa quando ocupavam a África, Madagascar e a Indochina. Esses médicos cuidavam da população nativa como verdadeiros heróis, sem conhecimento do tratamento das doenças dessas regiões e sem estrutura adequada, verdadeiros guerreiros humanitários da saúde.

Capítulo dezessete, *A estranha descoberta da penicilina*. Em 10 de dezembro de 1945, Alexandre Fleming, Howard Florey e Ernest Chain receberam o prêmio Nobel pela descoberta da penicilina, de extrema importância na medicina, revolucionando o tratamento de doenças que acometiam o mundo e adoecendo a população, como a sífilis.

O capítulo dezoito retrata a triste história do *pavilhão das mulheres*, no hospital Bichat, onde havia a sala das falsas mães ou fazedoras de anjos, mulheres, em sua grande maioria

prostitutas, que realizavam aborto e procuravam os hospitais em busca de cuidados para efetuar uma curetagem salvadora. Naquela época não existia a pílula, e o aborto era proibido na França, essas mulheres negavam o aborto realizado em clínicas clandestinas sem o menor cuidado de higiene e técnicas apropriadas colocando suas vidas em risco.

No capítulo dezenove, *As nobres irmãs de boucicaut*, é contado que o hospital Boucicaut, construído em 1897, era gerenciado pelas irmãs agostinianas. No começo de 1970 elas ainda estavam lá e atendiam aos chamados dos doentes, realizavam curativos e distribuíaam os medicamentos, dedicando-se aos pacientes com sua compaixão.

O capítulo vinte, *De gaulle e os centros hospitalares universitários*, é dedicado à história de Robert Debré, um grande médico que criou a pediatria na França, diretor de escola de medicina mais ativo e poderoso de seu tempo, que descreveu a decadência dos hospitais da França buscando melhorias.

Capítulo vinte e um, *Invenção da medicina humanitária*, uma das grandes ideias do barão Larrey, cirurgião-chefe da guarda imperial, foi “um ferido não tem uniforme”, que queria dizer que todos os feridos e doentes deveriam receber atendimento médico.

No capítulo vinte e dois, *o Viagra “royale”*, o autor relata que muitas descobertas medicas aconteceram por acaso, que diferentes olhares traziam diferentes conhecimentos, por exemplo: se a pesquisa era com um medicamento para determinado propósito, porém ele fracassasse, durante os testes, no seu propósito inicial, mas se mostrasse eficiente para outro problema, havia descoberta; e assim foi assim se descobriu viagra.

Capitulo vinte e três, *Como Jacques dizia...*, Jacques Lancan era professor de medicina na França e arrastava multidões de alunos para assistirem às suas aulas sobre psicanálise, contagiava os alunos com seu entusiasmo pelas teorias de Freud no tratamento de transtornos e traumas psicológicos, em como lidar com as dificuldades encontradas no decorrer da vida.

O capítulo vinte e quarto conta sobre a época das descobertas significativas da medicina, como *a terra que salva*. No fim de 1960, tiveram início as cirurgias para transplantes de órgãos, médicos sabiam transplantar e tinham provado isso, porém, não havia registros de nenhum pós-operatório com sucesso, devido ao problema da rejeição de órgãos. Nesta época, no laboratório Sandoz, havia uma regra conhecida como “a da caixinha de terra”, que era trazer uma amostra do solo de todos os locais que os pesquisadores fossem passear. O laboratório tinha como intuito desenvolver, a partir destas “substâncias naturais”, medicamentos como antibiótico, antifúngico,

e por meio de uma destas amostras foi descoberta a ciclosporina, purificada em 1973 e cujas estrutura e propriedades químicas foram desenvolvidas dois anos depois.

Capítulo vinte cinco, *Entramos na carreira*, o autor conta sobre o internato que foi por muito tempo o local que realizava a seleção dos alunos, vindos da elite francesa, isto é, por serem aqueles que tinham conhecimento e demonstravam isso nas provas.

Capítulo vinte e seis, *O vermelho e o negro*, descreve sobre a época marcada pela descoberta da doença de “Fallot”, caracterizada por uma anomalia na formação do coração. Na França, as crianças portadoras dessa anomalia eram denominadas “crianças azuis”, pois apresentavam rostos tristes, lábios “cianóticos” e corpo fraco, e permaneciam nos hospitais perambulando pelos corredores. Durante séculos nada pode ser feito para melhorar a qualidade de vida delas. Neste capítulo, ainda há o relato da primeira cirurgia, em 1944, para o tratamento dessa patologia, depois de pesquisas e cirurgias realizadas em mais de duzentos cachorros, por Vivien Thomas, que conseguiu demonstrar a eficácia da técnica. Thomas era um técnico de laboratório muito habilidoso e que tinha o sonho de se tornar médico.

No capítulo vinte e sete, *O fim do mandarinato*, o autor conta sobre o ano marcado pela revolução estudantil, que ocorreu em 1968. Alunos queriam o fim do “externato” e queriam uma reestruturação dos seus estudos de medicina.

E, por fim, no capítulo vinte e oito, *o Leviatã*, o autor relata as mudanças significativas na área dos medicamentos, cirurgias, entre outras, pois diversos estudos, pesquisas e testes foram realizados para a descoberta de muitos tratamentos. Viver em uma época como dos dias de hoje é uma sorte, pois a tecnologia está a nosso favor, dentro dos hospitais modernos.

Esses são os capítulos da obra, que conta toda a evolução dos hospitais e da medicina. Nota-se que, com a guerra, veio a busca da soberania, com inovações em cirurgias de amputação, higiene, medicamentos e vacinas.

A peste negra, transmitida pela pulga das ratazanas, foi usada como a primeira arma biológica, causando a morte de muitos soldados. Na época, a igreja considerou que os gatos, predadores naturais das ratazanas, seriam do demônio e, por isso, estavam proibidos nas casas, pois significavam adoração ao demônio e bruxaria. O extermínio da população de gatos fez com que a peste negra se espalhasse de forma descontrolada por toda a população da Europa.

Pesquisas de grande importância não foram valorizadas e acabaram sendo deixadas de lado, como a da penicilina, aprimorada pelos ingleses depois de décadas. E tão importante como

a descoberta da vacina da rubéola foi início do uso da anestesia, principalmente nos partos, o que gerou certo desconforto religioso. Por quê? Por causa da bíblia e de seu célebre versículo: “Em meio a agonia, darás à luz filhos”. As palavras do Gênesis são fortes e marcaram as almas. Mais que um mandamento, é uma punição divina. Deus puniu Eva por sua desobediência.

Essa descoberta foi imediatamente reconhecida e o clorofórmio teve um entrada triunfante, quando solicitado pela rainha Vitória em seu parto. Logo após declarou: “O doutor nos deu esse bendito clorofórmio, com seus efeitos relaxantes, tranquilizantes e absolutamente deliciosos”. Esse comunicado real teve uma importância considerável para revogar a sentença bíblica que proibia até mesmo imaginar um parto sem dor.

Concluo através do texto que a França, após a guerra, fortaleceu as pesquisas em relação aos cosméticos, moda e turismo, o que tornou o país referência nesse aspecto e respeitado mundialmente. Em meu ponto de vista, ficou a desejar em relação às pesquisas relacionadas a doenças; como exemplo, o autor cita sobre a descoberta da penicilina, que somente 50 anos depois é que realmente a pesquisa foi concretizada.

Recomendo a leitura deste livro para os profissionais da saúde, aos estudantes de medicina e de enfermagem, a todos que se interessarem pelo assunto e aos que pesquisam nas várias áreas da saúde, como também nas áreas afins, pois conhecer a história dos hospitais na França e a descoberta de tratamentos para doenças é algo importante e faz parte do conhecimento de todos os profissionais e pesquisadores. A leitura do texto nos permite realizar uma comparação evolutiva referente à história hospitalar no Brasil, e a valorizar o serviço de saúde brasileiro que temos disponíveis em nosso país.